



UMA ESPIRAL FEMININA: MULHERES MIGRANTES NO TERRITÓRIO E NO CINEMA BRASILEIROS

Gustavo Palma de Andrade Santos
palmandrade@outlook.com¹

Wenceslao Machado de Oliveira Jr
wences@unicamp.br²

Resumo

O objetivo deste trabalho é buscar potencialidades na aproximação entre Cinema e Geografia para tratar o tema da migração feminina no Brasil contemporâneo. Buscamos analisar, a partir de quatro filmes brasileiros, a atual complexidade de tipos, fluxos e motivações das migrantes. Também ressaltamos como os papéis sociais femininos impactam nas experiências e na liberdade de tomada de decisão das personagens mulheres.

Palavras-chave: Cinema; migração; mulheres

Introdução

A Geografia, enquanto ciência do espaço, carrega consigo diversas imagens mentais sobre a organização do mundo, e cabe ao geógrafo professor “mostrar a irrelevância dessas imaginações e submetê-las a interrogatório” (MASSEY, 2017, p. 37). Essas construções mentais são materializações de teorias, ideologias e experiências relacionadas aos fenômenos socioespaciais. Elas podem, na maioria das vezes, refletir formas de pensamento hegemônicas.

Nesse sentido, o fenômeno migratório interno do Brasil é muitas vezes associado à imagem do retirante nordestino, que migra para o Sudeste ou para o litoral em busca de emprego e/ou para fugir da fome e da seca. Há, atualmente, novos migrantes e novas direções de fluxos que são pouco condizentes com tal imagem. Nas décadas recentes, as migrações se dão de formas complexas, devido ao maior dinamismo dos locais garantido pela difusão das tecnologias da informação pelo território nacional (BAENINGER, 2012).

Neste trabalho, propomos pensar essas novas migrações a partir de quatro filmes brasileiros – *Central do Brasil* (Walter Salles Jr, 1998), *O Caminho das Nuvens* (Vicente Amorim, 2003), *O Céu de Suely* (Karim Aïnouz, 2006) e *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015) –, considerando suas construções imagéticas e narrativas e tendo como foco as personagens mulheres. Considerando que

¹ Graduando em Geografia (IG/Unicamp) e bolsista de Iniciação Científica-CNPq.

² Professor no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO.



essas obras estão centradas nas migrantes e nas diversas formas, razões e modos de migrações internas no Brasil, vemos aqui uma possibilidade de compreender as microgeografias femininas que estão presentes no movimento migratório.

O uso das abordagens de *microgeografias*³ (COSTA, 2016) e de *geografias feministas*⁴ (SILVA, 2003; 2007) permite pensar em como as relações de poder entre os gêneros estão presentes e afetam as personagens durante a migração (no local de partida, no percurso em si e/ou no local de chegada). Entendemos que os papéis sociais esperados de uma mulher influenciam na sua capacidade de tomada de decisão, na (in)subordinação a um homem e nas atividades familiares exercidas por ela. Justamente por isso, raramente a migração é associada a uma decisão feminina. Lidaremos também com a concepção de *lugar* proposta por Doreen Massey (2008; 2017), na qual lugar é entendido como uma singular constelação de trajetórias heterogêneas co-presentes, em interação e devir.

Geografia e Cinema

Na Geografia, apesar de seu inerente caráter imagético (relacionado com as imagens mentais do espaço das quais nos fala Massey (2017)), por muito tempo a imagem foi relegada ao papel de ilustração, cabendo ao texto lógico-gramatical o papel da análise e da busca pela “verdade universal”. A chamada crise da modernidade, na qual a forma racional de conceber o mundo perde sua primazia dentro da ciência, incentivou/possibilitou a busca por novas metodologias (NEVES, 2010). Dentro da Geografia, uma dessas novas formas de abordagem que emerge nas últimas décadas é a interação entre a ciência e o Cinema.

O Cinema não carrega em si a pretensão de verossimilhança com o “real”, uma vez que a verdade não é universal, e, portanto, não existe apenas uma “realidade”. Seu principal objetivo é extrair do vivido “não propriamente aquilo que ele é (...), mas aquilo que esse vivido pode vir a ser” (OLIVEIRA JR, 2016, p. 70). Uma vez que o espaço, para Doreen Massey (2008, p. 29), é caracterizado pela “possibilidade da existência da multiplicidade (...) [de] distintas trajetórias que coexistem”, concluímos que as narrativas fílmicas podem ser entendidas como espacialidades, em que, por

³ As *microgeografias* são uma forma de abordagem geográfica que analisa fenômenos em grande escala e a heterogeneidade dos grupos sociais que estão presentes nesse espaço. Elas privilegiam a escala local, porém também consideram as análises estruturais da sociedade, construindo um diálogo interescalar (COSTA, 2016).

⁴ Abordagem que busca o “aprofundamento da compreensão das relações de gênero e espaço e no fornecimento de um conhecimento que seja útil na luta para equidade social” (SILVA, 2007, p. 99).



meio das trajetórias que afetam as personagens, instauram-se acontecimentos nos quais os fenômenos socioespaciais se (re)produzem e nos dão pistas de como são ou eles poderiam vir a ser.

A interação entre Cinema e Geografia gera potencialidades que podem ser aproveitadas tanto na pesquisa científica quanto no ensino. Por um lado, podem-se criar novas formas de compreender fenômenos e processos geográficos, e, por outro, pode-se “cultivar uma imaginação geográfica aguçada, bem como auxiliar estudantes a desenvolver a capacidade para observar padrões e processos espaciais a partir de uma variedade considerável de perspectivas” (FIORAVANTE; FERREIRA, 2016, p. 220). Neste trabalho, buscamos trazer análises que proporcionem novas perspectivas para o uso desses filmes nas aulas de geografia.

Migrações internas no Brasil

A atual complexidade das migrações internas no país se dá, principalmente, pelo surgimento de novas direções dos fluxos e por uma maior variedade de motivações. Os migrantes não mais se dirigem apenas para os centros tradicionais (São Paulo e Rio de Janeiro), como também são mais propícios a retornarem ao seu local de origem (BAENINGER, 2012). Deve-se considerar o contexto de reestruturação econômica e produtiva mundial e nacional, que trouxe crise na economia dessas grandes metrópoles na década de 1990, levando ao aumento de desemprego e subemprego, produzindo também nessas cidades dificuldades extremas das quais as pessoas decidem fugir.

Oliveira e Jannuzzi (2005), em análise dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do ano 2000, a primeira a indagar os migrantes sobre as motivações de sua migração, mostram que, apesar de o emprego ser uma das principais motivações da mudança, ele não é a única explicação: a busca por trabalho aparece em segundo lugar, ficando atrás dos movimentos feitos para acompanhar a família (motivação de 50% dos migrantes), e outras motivações, como moradia, estudos e dificuldades de relacionamento familiar, também estão presentes com certa expressividade. Os autores ressaltam a necessidade de se analisar os fatores microsociais (que, em nosso entendimento, também são microgeográficos) da migração, pois eles poderiam revelar nuances desses movimentos que não são apreendidos na análise dos fenômenos em escala nacional (OLIVEIRA & JANNUZZI, 2005, p. 142).

O *gênero* pode ser visto como um dos mais importantes fatores microsociais, porque “permeia uma variedade de práticas, identidades e instituições envolvidas na migração”



(BUBERWA & KAMANZI, 2016, p. 263), sendo vital para definir características e experiências da migração (BOYD, 2006) e as relações sociais de poder (SILVA, 2003). Os papéis sociais atribuídos a homens/mulheres determinam desigualdades nas experiências do movimento, como o grau de vulnerabilidade, o acesso a recursos e oportunidades nos locais de passagem e chegada.

As migrantes femininas presentes nos filmes que são objetos deste trabalho possuem tanto motivações estritamente econômicas (garantir o sustento dos filhos – Val) quanto sociais (acompanhar a família para cuidar dos filhos – Rose) e individuais (fugir de violência possível – Dora –, busca da liberdade – Hermila – e adquirir formação superior – Jéssica). A maioria delas, inclusive, migra sozinha ou sem a companhia de um companheiro afetivo ou esposo. Desconstrói-se, assim, a ideia da teoria clássica da migração de que mulheres seriam sempre “dependentes acompanhantes” (CARLING, 2005, p. 4) de um homem – no entanto, isso não significa que esse tipo de migração é completamente eliminado. Ele continua ocorrendo simultaneamente aos outros. Além disso, as posições sociais das migrantes enquanto mulheres ainda as tornam alvos do machismo e do viés patriarcal.

Faremos, daqui em diante, análises dos filmes numa ordem que consideramos ser uma espiral migrante feminina. Nossa proposta é pensá-los como um único grande filme, em que mulheres personagens migram simultaneamente em diferentes pontos do território brasileiro motivadas pelas trajetórias que as afetam, considerando dois aspectos: por um lado, a migração pelo território nacional (Nordeste → Sudeste → Nordeste → novos destinos) e, por outro, a desconstrução que apontamos acima (partindo da migração como dependente acompanhante e chegando à migração em busca de liberdade).

A migração por motivos econômicos

A perspectiva da mulher como “dependente acompanhante” de um homem, segundo Buberwa e Kamanzi (2016), surge da visão do pai como o chefe da família. Ele seria o responsável por iniciar e guiar a migração. Notamos isso em *O Caminho das Nuvens*: Romão é quem inicia o movimento, motivado pela busca do “salário de mil reais” com a intercessão de Padre Cícero, enquanto Rose se desloca para acompanhá-lo e cuidar dos filhos do casal.

Romão trata Rose como inferior. Ele a critica por não saber subir na bicicleta, e não se opõe à visão de que a mulher serviria para “passar um café, se esfregar, fazer um lescó-lesco” (como um conhecido da família diz em certo momento). Ela ocupa, na maior parte do filme, um papel de



subordinação às decisões do marido, cumprindo o papel da maternidade social, que vê a mulher como centro familiar e como mediadora de conflitos entre pai e filhos (SILVA, 2007, p. 107), e aceitando a imposição dele de que ela não poderia trabalhar. No entanto, ela é também a responsável por dar o sustento financeiro para a continuidade do deslocamento deles – pois é quem consegue o dinheiro (cantando em restaurantes de beira de estrada, o serviço ao qual o marido não se opõe) para comprar comida –, por cozinhar as refeições e por tentar manter a unidade familiar (apaziguando os conflitos entre Romão e o filho mais velho).

Rose ajuda a subverter o entendimento do “dependente acompanhante” como totalmente passivo na migração. Como ressaltamos, é ela quem garante o prosseguimento da viagem. Além disso, ela também assume o protagonismo das decisões em dois momentos: ao obrigar o marido a aceitar o emprego na boate, mudando o rumo da viagem da família para Porto Seguro, e ao impedi-lo de tentar seguir viagem até Brasília, dizendo que ela e os filhos estão cansados e não deixarão o Rio de Janeiro para retornar à estrada. Por isso, Rose inicia a espiral migrante feminina a qual nos referimos: ela exemplifica a teoria clássica da mulher sem papel ativo, ao mesmo tempo em que desconstrói a ideia de passividade absoluta.

Em *Que horas ela volta?*, temos a subversão total desse papel. Val migra sozinha para São Paulo com o objetivo de arranjar um emprego que garanta o sustento financeiro de sua filha, Jéssica, que ficou no Nordeste morando com o pai. Ela assume, de certa forma, o papel que seria esperado do pai em uma família. Mesmo assim, suas condições de classe e enquanto mulher definem seu local no mercado de trabalho: empregada doméstica. Gênero e classe aparecem diretamente relacionadas aqui, pois o trabalho doméstico é considerado atribuição feminina apenas para classes sociais mais baixas, uma vez que a patroa não se dedica nem a ele e nem às tarefas da maternidade. Além disso, Val também assume o papel de receber novas migrantes (no caso, sua filha, que migra no início do filme).

Val, durante grande parte de sua estadia em São Paulo, não se opõe às relações de poder estabelecidas entre patrão/empregada doméstica e à “naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais” (DELAZARI & SANTOS, 2019, p. 51), expressando sua conformidade, por exemplo, ao dizer que “a pessoa já nasce sabendo o que que pode, o que que não pode”. O enquadramento da câmera a partir da porta da cozinha mostra a ideia de que a empregada deve estar “da porta da cozinha para lá” (como é dito pela patroa, Bárbara). A casa dos patrões aparece como um espaço em



que a empregada deve sempre se subordinar a eles, respeitando os lugares em que ela pode (a sala de jantar, quando requisitada) ou não (a piscina) entrar.

O protagonismo de Val em sua migração também coloca em xeque a questão da maternidade: ela pode ser expressa pelo sustento financeiro, ou está ligada apenas à criação afetiva? Tanto sua filha, Jéssica, quanto o da patroa, Fabinho, mostram maior proximidade com a mulher que os criou do que com a mãe sanguínea – a garota inclusive se recusa a chamar Val de “mãe” em diversos momentos. Mas, mesmo assim, ao final cada um deles se reaproxima com a mãe “de fato” (Fabinho ao abraçar Bárbara e concordar em fazer intercâmbio na Austrália, Jéssica ao contar sobre seu filho à Val e aceitar trazê-lo para ser cuidado pela avó). Essa discussão sobre o papel da maternidade também aparece internamente na empregada: ela se arrepende de não ter retornado para ver a filha mais vezes, mas sabe que aquele emprego distante garantiu o sustento da menina e a possibilidade de comprar eletrodomésticos para sua casa.

Jéssica, também migrante, é parte do “novo segmento juvenil nordestino potencializado por lutas sociais e políticas públicas” (DELAZARI & SANTOS, 2019, p. 59) que migra para tentar conquistar uma vaga na Universidade de São Paulo, e não apenas em busca de emprego. O curso almejado, arquitetura, aparece para ela como um “instrumento de mudança social” (em suas palavras), por meio do qual ela poderá sustentar a si mesma e ao filho. Diferentemente de Val, ela não aceita se subordinar aos patrões da mãe. Jéssica desafia a subordinação de classe ao aceitar o sorvete oferecido pelos patrões, ao dormir no quarto de hóspedes e mesmo ao almejar uma vaga pelo vestibular. Suas ações e falas fazem Val começar a também questionar seu posto de “quase da família”, apesar de no começo ela considerar a filha esnobe. O ápice disso ocorre quando ela entra na piscina: esse é o espaço de exclusão por excelência, pois serve ao lazer dos patrões e é restrito aos empregados.

A migração por motivos individuais

Após a partida do Nordeste para o Sudeste e a estadia do migrante em São Paulo, expressas no tópico anterior, a espiral segue com a (uma espécie de) migração de retorno e a partida em busca dos novos destinos. Associamos essas duas fases, dentro dos filmes aqui analisados, à maior gama de motivações para migrar – os motivos individuais, que não possuem relação direta com a economia. Temos aqui a migração como fuga e aprendizado e como libertação.



A migração como fuga e aprendizado está relacionada ao filme *Central do Brasil*, em que Dora é forçada a ajudar o garoto Josué a encontrar seu pai, no Nordeste, após ela receber ameaças de morte de um casal de gângsters no Rio de Janeiro. O que inicialmente era apenas uma fuga torna-se uma espécie de Via Crucis cristã, onde “a dor (...) é a guia para o caminho da transformação” (OLIVEIRA JR, 2010, p. 39) e do aprendizado. Os desafios encontrados pelos dois em seu deslocamento (a falta de dinheiro, o abandono pelo caminhoneiro César, a briga em meio a uma romaria, a inesperada mudança de endereço do pai do menino, o amargor dela, as zombarias vindas dos outros passageiros do ônibus...) os aproximam e cria entre eles uma relação de maternidade sem laços sanguíneos, uma expressão de “amor materno” (SILVA, 2007, p. 107), parte do papel socialmente esperado da mulher.

As trajetórias com as quais os dois se relacionam ao exporem-se à estrada os inserem em um processo de transformação de seus sentimentos em relação a si mesmo e um pelo outro. Isso é ainda mais forte para Dora, que, sendo forçada a abandonar seus espaços cotidianos (o apartamento, o trem lotado e a Estação Central do Brasil) – onde se acomodava com o amargor não resolvido –, embarca numa viagem-migração também no tempo, em sua própria história de vida, paralelamente ao percurso do Rio de Janeiro a Bom Jesus do Norte e à aprendizagem do amor, como ganho, medo, fuga, apoio, confiança, compromisso, abandono, respeito e afeto.

As migrações de Hermila em *O Céu de Suely* também mostram um processo de transformação, uma migração que se dá tanto no território extensivo (a ida a e retorno de São Paulo e a partida para Porto Alegre) quanto no intensivo (ela torna-se Suely). Após retornar de São Paulo com seu filho pequeno e perceber que foi abandonada pelo marido, Hermila passa a lidar com a realidade de mãe sozinha e tentar conciliá-la com a busca da própria liberdade enquanto mulher – uma vez que a vida de “mulher mais feliz do mundo” com o marido não se concretizou, ela busca libertar-se da condição feminina imposta pela sua cidade natal (e, de fato, ela realiza isso, ao recusar o papel maternal – deixando seu filho com a avó antes de partir para Porto Alegre – e o papel de esposa – ao recusar as investidas de João).

A dor causa em Hermila a sensação da “confusão da inadequação e da própria existência” (BRANDÃO, 2008, p. 93). Lidando com esse sentimento, ela vaga por sua cidade natal, Iguatu, em meio a símbolos cinematográficos da solidão e tristeza e do seu constante desejo de partir (a noite e a linha do trem, respectivamente). A partida para ela é uma forma de se libertar da opressão que



sente em Iguatu. Por isso, ela parte para “o lugar mais longe daqui”: não é um lugar específico, um *espaço concebido* na perspectiva fenomenológica; trata-se, apenas, de ir para o mais longe possível daquele espaço, daquilo que a oprime.

Iguatu exerce sobre Hermila uma força concentradora. O trem, a ferrovia, a estrada, os caminhões do posto, todos estão lá sempre para lembrá-la da possibilidade de uma partida, que ela não consegue realizar. O meio encontrado por ela para reagir e conseguir sair da cidade gera ainda mais repressão e julgamentos por parte dos conterrâneos, que a consideram uma prostituta: ela resolve rifar seu próprio corpo, agora denominado Suely – um ato de biopotência, de “relutar diante da conformidade” (BRANDÃO, 2008, p. 92). É um ato que também questiona a falta de controle da mulher sobre seu próprio corpo (a ideia de que ela deveria resguardar-se para o matrimônio).

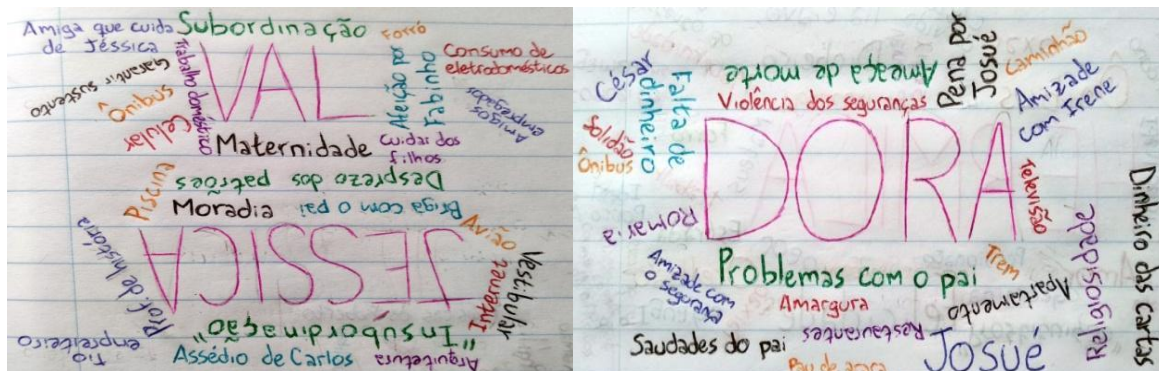
Considerações finais

Pudemos observar, pela análise dos filmes, as diferenças entre as migrantes e entre suas motivações e desafios antes, durante e depois do deslocamento. As migrações internas não mais se resumem apenas ao deslocamento para acompanhar marido ou em busca de emprego: elas também podem ocorrer pelo desejo de fugir ou libertar-se, indo para longe de tudo que se conhece, ou para conseguir um diploma. Os fatores microssociais e microgeográficos assumem grande importância nas análises desse processo.

Ademais, notamos como o Cinema pode colaborar nessas análises, trazendo novas potencialidades para a Geografia. As trajetórias (MASSEY, 2008) que afetam as personagens (imagem 1) – a maternidade, a família, a estrada, a falta de dinheiro, o amor, a moradia, os locais de poder, os meios de locomoção (ônibus, trem, bicicleta, caminhão, pau de arara, avião...), as amizades, o celular/orelhão, o cansaço, a fome, a internet, o vestibular, o trabalho (ou a falta dele)... – permitem novas formas de abordagem do fenômeno migratório, pois nos incentivam a pensar nos diversos fatores que estão diretamente envolvidos com o deslocamento do lugar de saída e com a (não) permanência no lugar de chegada. E isso, obviamente, não está restrito apenas aos filmes selecionados como objetos deste trabalho.



Imagem 1 – Nuvens de palavras com as constelações de trajetórias que afetam Val e Jéssica em *Que horas ela volta?* e Dora em *Central do Brasil*.



Referências bibliográficas

BAENINGER, Rosana. Migrações internas no Brasil no século 21: entre o local e o global. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2012, Águas de Lindóia – SP. **Anais...**, ABEP, 2012. s./p. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/37>>. Acesso em 14 setembro 2020.

BOYD, Monica. Women in International Migration: The Context of Exit and Entry for Empowerment and Exploitation. **High-level panel on “The Gender Dimensions of International Migration”**, Commission of the Status of Women, 50th session, New York, fev.-mar. 2006. Disponível em: <<https://www.un.org/womenwatch/daw/csw/csw50/HighLevelPanel.html>>. Acesso em 18 dez. 2020.

BRANDÃO, Alessandra. O chão de asfalto de Suely (ou a anti-Cabíria do sertão de Aïnouz). In: HAMBURGER, Esther; SOUZA, Gustavo; MENDONÇA, Leandro, [et al]. (orgs.). **IX Estudos do Cinema**. São Paulo: Annablume; FAPESP; Socine, 2008, pp. 91-98.

BUBERWA, Deodatus K.; KAMANZI, Adalbertus. Exclusion of Women in Migration Studies. **Imperial Journal of Interdisciplinary Research**, vol. 2, issue-2, 2016. Disponível em: <<https://www.onlinejournal.in/v2i22016/>>. Acesso em 18 dez. 2020.

CARLING, Jørgen. Gender dimensions of international migration. **Global Migration Perspectives**, Geneva, no. 35, pp. 1-26, mai. 2005. Disponível em: <<https://jorgencarling.org/2013/01/01/gender-dimensions-of-international-migration/>>. Acesso em 14 set. 2020.

COSTA, Benhur Pinós. Geografia e cotidiano: reflexões sobre teoria e prática de pesquisa. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (orgs.). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 129-149. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/149928>>. Acesso em 18 jan. 2021.

DELAZARI, Fagner. SANTOS, Daiana Nascimento dos. Migração, relato e descolonização no Brasil a partir do filme *Que horas ela volta?*. **Izquierdas**, no. 46, mayo 2019, pp. 47-64. Disponível em: <https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0718-504920190002>. Acesso em 14 mar 2020.



FIORAVANTE, Karina Eugenia. FERREIRA, Lohanne Fernanda Gonçalves. Ensino de Geografia e Cinema: perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 209–233, 2017. Disponível em: <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/issue/view/16>>. Acesso em 30 ago 2020.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, UFF, vol. 19, n° 40, p. 36-40, mai./ago. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/issue/view/857>>

NEVES, Alexandre Aldo. Geografias de Cinema: Do espaço geográfico ao espaço fílmico. **Entre-Lugar**, Dourados, MS, ano 1, n. 1, pp. 133-156, 1º semestre de 2010. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/617>>. Acesso em 30 ago 2020.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. O cinema e a geografia num percurso de dor: a Via Crucis de Dora em *Central do Brasil*. **Entre-Lugar**, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 33-48, 1º semestre de 2010.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Outros espaços no cinema contemporâneo: campo de experimentações escolares?. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2566>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 134-143, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000400009&script=sci_arttext>. Acesso em 20 mar 2020.

SILVA, Joseli Maria. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n° 22, pp. 97-109, jan./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3515>>. Acesso em 24 mai 2021.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional** vol. 8, nº1, pp. 31-45, verão 2003. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2167>>. Acesso em 24 mai 2021.